

# Aula 6

## A ARQUEOLOGIA DO XINGÓ E NOSSOS PRIMEIROS HABITANTES

### **META**

Apresentar ao aluno os primeiros habitantes do nosso território e o processo de salvamento dos resquícios arqueológicos.

### **OBJETIVOS**

Ao final desta aula, o aluno deverá: saber como se deu a ocupação pré-histórica e o processo de salvamento arqueológico do Xingó.

### **PRÉ-REQUISITOS**

Ter assimilado o conteúdo das aulas 01 a 05.

**Antônio Lindvaldo Sousa**

## INTRODUÇÃO

Caro aluno ou querida aluna: quando falamos da palavra “arqueologia” você deve tê-la associado às aventuras de Indiana Jones, um destemido e pouco convencional professor de arqueologia, que usa pistola e um chicote para defender relíquias históricas. De igual forma, alguns livros de suspense e mistério, ou mesmo videogames a que você teve acesso o estimularam a associar a arqueologia com uma dosagem de aventura, suspense e muitas fantasias.

Mas, há também outra imagem sobre a tarefa do arqueólogo. De um ponto de vista tradicional, a arqueologia é vista como uma tarefa de um técnico que recupera “coisas”, ou seja, simplesmente faz buracos no solo e resgata dados escondidos e informações brutas, que serão posteriormente estudados por outros pesquisadores de outras ciências. Essa imagem do arqueólogo é aquela de um trabalhador braçal.

Mas, os arqueólogos compartilham com as ciências humanas a compreensão das sociedades, analisando, através da cultura material, para interpretar a vida humana no passado e no presente. Eles têm muito a dizer ao nosso trabalho de reconstrução do conhecimento histórico.

Como você sabe, estamos interessados na compreensão das sociedades humanas em Sergipe antes da chegada dos colonizadores, em 1590.

Gostaríamos de saber mais sobre modos de vida de outros povos indígenas, sem ser somente o modo de ser tupinambá (ou dos tapuia) no século XVI. Através dos documentos materiais, a arqueologia certamente nos apontará muitos sinais das culturas humanas num tempo muito mais distante do presente.



## ÍNDIOS EM XINGÓ

No texto *Índios em Sergipe*, datado do ano de 1991, cita do na aula anterior, Dantas noticia que a Universidade Federal de Sergipe estava realizando o “Levantamento dos Sítios Arqueológicos” e o “Projeto de Salvamento Arqueológico do Xingó”. Segundo a autora, o projeto Xingó “visa recolher a maior quantidade possível de evidências da presença humana na área da hidrelétrica” (DANTAS, 1991, p. 28).

Que projeto seria esse noticiado pela antropóloga Beatriz? Onde se localiza Xingó? Quais as evidências da presença humana que esse projeto detectou?

Responderemos às indagações acima na medida em que apontarmos as etapas importantes da formação desse projeto.

No ano de 1985, alguns professores do Departamento de Sociologia e Psicologia da UFS, engajados na idéia de levantar os sítios arqueológicos em Sergipe, identificaram no município sergipano de Canindé de São Francisco quatro sítios de registros gráficos.

Você sabe onde fica o município de Canindé de São Francisco? Entende o que os antropólogos chamam de “sítios” e de registros gráficos?

O município de Canindé do São Francisco, mais conhecido como Canindé, fica localizado ao Norte do Estado de Sergipe, no chamado Sertão do São Francisco, a 213km de Aracaju. Vejamos o mapa acima.

Observe no mapa que Canindé é banhado pelo Rio São Francisco, o “Velho Chico”.

O termo “Francisco” no nome do município vem desse rio. Ele ocupa um papel importante na vida dos habitantes das suas margens. Em outro momento deste texto, voltaremos a falar sobre ele, bem como entenderemos o termo “Xingó” e, de igual forma, situaremos melhor o meio ambiente e aspectos da cultura dessa região.

Resta-nos informar o que seriam esses “sítios” e “registros gráficos”.

## O SIGNIFICADO DE SÍTIO ARQUEOLÓGICO E REGISTROS GRÁFICOS - PINTURAS RUPESTRES

Sítio arqueológico é um local ou grupo de locais onde ficam fontes materiais que evidenciam o passado histórico da humanidade. Para saber mais informações procure o termo “sítio arqueológico” na enciclopédia



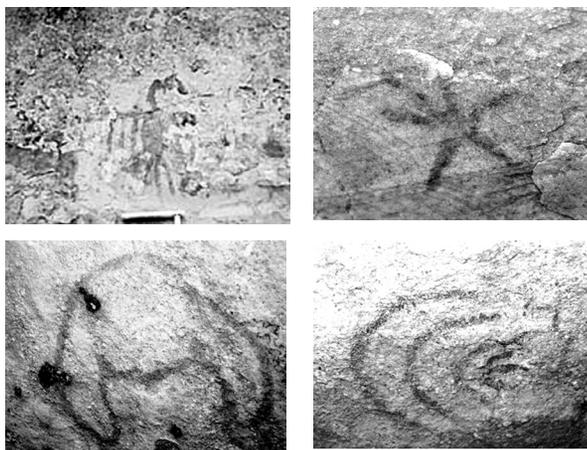
Imagem de satélite da Usina Hidrelétrica de Xingó (Fonte: <http://earth.google.com>).

livre “Wikipédia” no seguinte endereço eletrônico: <http://pt.wikipedia.org/>.

Os arqueólogos usam metodologias e técnicas indispensáveis para transformar as descobertas arqueológicas em conhecimento sobre o passado e aplicam parte dessas técnicas no “sítio” em que descobriram. Os artefatos humanos são culturas materiais com função utilitária para o homem na construção de sua cultura. Exemplos de artefatos são: cerâmica, lanças, fogueiras, colares etc. Todavia, nem sempre a cultura material tem uma função utilitária para o homem em meio à sua sobrevivência material. Os registros, ou arte rupestre, são formas do homem, imerso em sua cultura, se comunicar com outras e infindáveis maneiras de interagir com o mundo em sua volta.

Leia o texto abaixo, de Pedro Paulo Funari, Contexto cultural da atividade humana, para refletir sobre a relação do homem com a apropriação dos objetos do mundo natural e, sobretudo, compreenda que os grupos humanos do passado não viviam somente em função dos recursos materiais disponíveis no meio ambiente. Depois da leitura desse texto, procure fazer uma ligação com a aula anterior cujo texto principal é denominado Afinal, o que é cultura?.

Os registros gráficos fazem parte dos achados arqueológicos. É um documento material importantíssimo para compreendermos os modos como os homens do passado se comunicaram com a sua cultura. Eles deixaram nas paredes de cavernas, nas rochas, desenhos de caça aos animais ou gravuras que se convencionou chamar de “arte rupestre”. Segundo André Prous, essa arte são todas as inscrições (pinturas ou gravuras), deixadas pelo homem em suportes fixos de pedras. “A palavra rupestre, com efeito, vem do latim rupes—is (rochedo): trata-se, portanto, de obras imobiliárias”. Os registros rupestres trazem consigo informações valiosas sobre o mundo de vida e cultura dos homens. Veja novamente a enciclopédia livre “Wikipédia” no seguinte endereço eletrônico: <http://pt.wikipedia.org/> e procure a expressão “artes rupestres”.



(Fonte: <http://www.max.org.br/museu/visitaVir-graf.htm>).

## CONTEXTO CULTURAL DA ATIVIDADE HUMANA

As relações humanas, em qualquer sociedade, dão-se por meio de contatos, seja entre o homem e a natureza, seja entre os próprios homens. A cultura é tudo o que é criado, feito (desenvolvido, melhorado, modificado) pelo próprio homem, diferentemente do que fornece a natureza. Na cultura, está representada a qualidade fundamental do homem: a sua capacidade de desenvolver a si mesmo, que torna possível a própria história da humanidade. O objeto apropriado ou desenvolvido pelo ser humano converte-se em artefato, recebe uma forma dada pelo homem, uma “forma humana”, porque encerra em si um conteúdo social, e não apenas natural. Por exemplo, o objeto apropriado da natureza transforma-se em ferramenta, portanto um produto do trabalho (instrumento de caça, de preparação de peles etc.). Entretanto, o artefato, ainda que criação do ser humano, continua a ser um objeto, e assim parece algo muitas vezes distante do seu criador, como se tivesse vida própria. O objeto, ao entrar no universo humano, parece adquirir uma autonomia de sua base material, sendo em qualquer sociedade carregado de valores simbólicos que não deixam de confundir tanto seus usuários quanto o arqueólogo, ainda que observador externo e inserido em outra sociedade. O artefato, ao deixar de ser apenas um objeto, parece adquirir uma vida biológica, dotada de nascimento, crescimento, maturidade, envelhecimento e morte, o que é uma ilusão apenas, pois coisas de fato não “vivem”. Podemos ter a ilusão que um artefato como as saias femininas foram se tornando mais curtas ou mais compridas com o tempo, como se a tendência de diminuir (ou de aumentar) fosse parte de uma seqüência análoga à da vida: longa (nascimento), menos longa (crescimento), curta (ápice ou vida adulta), muito curta (velhice), volta a aumentar (novo nascimento). No entanto, uma saia não tem vida própria e só podemos entender a saia, em cada momento, no conjunto de roupas usadas em determinado período. E tanto a saia como o restante do vestuário é feito por nós, seres humanos (FUNARI, 2006, p.36).

Apontamos aspectos geográficos do município de Canindé e em seguida informamos o que seria “sítio arqueológico” e “registros rupestres”, porque necessitávamos esclarecer a você o local e a importância da pesquisa que os professores da UFS fizeram em Canindé, no ano de 1985. Os pesquisadores incluíram os sítios de pinturas rupestres de Canindé no levantamento

dos sítios arqueológicos em Sergipe. Em outras palavras, deram um passo enorme na tentativa de compreender a vida dos nossos primeiros habitantes, muitos anos antes do presente.

Qual o desdobramento desse mapeamento? O levantamento proporcionou a criação do projeto que a Beatriz citou acima?

### DOS PRIMEIROS ACHADOS À FORMALIZAÇÃO DO PROJETO



Escavações arqueológicas no Sítio Justino. (Fonte: Relatório final do projeto arqueológico de Xingó. UFS/Chesf, 1998).

O primeiro achado dos sítios de pinturas rupestres em Canindé teria conseqüências futuras para o projeto de salvamento arqueológico do Xingó. Poucos anos depois, a Companhia Hidroelétrica do São Francisco - CHESF construiria uma nova usina hidrelétrica na região onde esses professores encontraram os sítios arqueológicos. Esses sítios seriam inundados e não teríamos possibilidades de pesquisa alguma na área que pudessem indicar mais vestígios da presença humana naquela localidade. Todavia, conforme o Artigo 3º da Lei no. 3924, de 26 de julho de 1961, toda a área programada para ser descaracterizada por obras de engenharia deve ser submetida a um salvamento arqueológico para avaliação da área, realizando-se o resgate do acervo existente. Veja o artigo abaixo.

São proibidos em todo o território nacional, o aproveitamento econômico, a destruição ou mutilação, para qualquer fim, das jazidas arqueológicas ou pré-históricas conhecidas como sambaquis, casqueiros, concheiros, birbigueiras ou sernambis, e bem assim dos sítios, inscrições e objetos enumerados nas alíneas b, c e d do artigo anterior, antes de serem devidamente pesquisados, respeitadas as concessões anteriores e não caducas, por força, que reza. (BRASIL, 1969).

Depois da assinatura do contrato com a CHESF, uma equipe composta por pesquisadores da UFS, sob supervisão do professor Dr. Igor Chmyz – diretor do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal do Paraná – UFPR, processou o salvamento dos vestígios arqueológicos na região do Xingó. Maria Cleonice Vergne, Suely Amâncio da Silva e Sônia Vitória também faziam parte dessa equipe do projeto inicial. Essas especialistas foram colocadas à disposição da UFS pelo Governo do Estado de Sergipe e eram coordenadas pelo professor Fernando Lins de Carvalho, do Departamento de Ciências Sociais e Psicologia da UFS. Outros pesquisadores foram incorporados.

Esse projeto sofreu paralisação de suas atividades durante dois anos – meados de 1988 a setembro de 1990. Em 1991, os trabalhos recomeçaram,

sob a orientação da arqueóloga Niéde Guidon, da Fundação Museu do Homem Americano – FUMDHAM, com a Universidade Federal da Bahia e a Universidade Federal de Pernambuco participando como consultoras.

A hidrelétrica ficou pronta em 1990 e em 1994 ocorreu o fechamento da barragem. Naquele momento, todo o salvamento foi realizado, com a coleta e catalogação do **material lítico**, cerâmico, fauna, ossos, fogueiras, esqueletos completos e sedimentos de 41 sítios a descoberto, identificados nas terras. Várias gravuras e pinturas foram transcritas em 15 sítios localizados em abrigos dos paredões do canyon.

Em 1998, foi publicado o Relatório Final do Projeto cujas considerações finais apresentamos no texto a seguir.



Enterramento primário, Sítio Justino. (Fonte: Relatório final do projeto arqueológico de Xingó. UFS/Chesf, 1998)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS DO PROJETO DE SALVAMENTO ARQUEOLÓGICO DO XINGÓ

De acordo com os dados que possuímos na atualidade, os primeiros habitantes de Xingó chegaram na região por volta do oitavo milênio B.P., tratando-se provavelmente de grupos caçadores-coletores, que ocuparam áreas que hoje são identificadas como terraços, atraídos pela fartura de um dos bens essenciais à sobrevivência de qualquer ser vivo: a água.

Segundo Ab'Saber, esses grupos encontraram uma paisagem muito semelhante à atual, ou inclusive mais seca, e com certeza toda a exuberância do grande rio foi um convite à sua permanência, fornecendo-lhes não só a água mas também a opção de alimento durante praticamente todo o ano. Uma das primeiras questões que se coloca é, sem dúvida: de onde vieram essas populações? Teriam cruzado as enormes áreas de caatingas, adentrando-se por regiões para eles, ao menos na nossa visão, pouco amistosas e desconhecidas, numa aventura intrigante e perigosa, ou ali chegaram pelos próprios caminhos do grande rio, pela desembocadura ou descendo desde as suas nascentes?

Segundo Gabriela Martin, esses grupos pré-históricos chegaram na região do Médio São Francisco oriundos do planalto goiano, das cabeceiras do alto São Francisco e pela ampla rede de afluentes do SO da Bahia que deságuam nesse rio. Essa idéia é corroborada pelas ocupações muito antigas encontradas, até o momento, nesta área. O prosseguimento das pesquisas arqueológicas no entorno de Xingó, bem como a sua continuidade na região do Baixo São Francisco, ampliarão as informações acerca dessa questão.

Os resultados que vêm sendo apresentados sobre as coleções arqueológicas resgatadas durante o Projeto Arqueológico de Xingó vêm demonstrando ter aí existido uma cultura bastante distinta das

que se conhecem, até o momento, no cenário nordestino.

Podemos adiantar que, sobre a cerâmica pré-histórica, estamos tratando de um novo horizonte, não relacionado com nenhuma outra coleção cerâmica já estudada na região.

Temos cronologias que nos apontam a antigüidade desses vestígios ao segundo milênio a.C., mas vale ressaltar que a cerâmica resgatada já se encontra bastante desenvolvida tecnologicamente, não parecendo tratar-se que os grupos aí instalados estavam ainda nos princípios do desenvolvimento tecnológico da cerâmica. Fica pois a questão: de onde veio esta tecnologia? Pois, se já temos grupos humanos instalados no mesmo local a partir do quinto milênio a.C., e no caso do Sítio Justino, sem mostras de descontinuidade de ocupação durante este intervalo, como explicar o surgimento da cerâmica por invenção local? A possibilidade da introdução da cerâmica é mais facilmente entendida por processos de contato e difusão.

Sob outra perspectiva, não apenas a tecnológica, podemos ressaltar a importância da continuação dos estudos dos vestígios cerâmicos, em diversos níveis da cultura material, ou talvez até mesmo da chamada cultura simbólica, como no caso das relações entre a cerâmica e os rituais de enterramentos.

Com relação ao material lítico, as análises demonstram também a singularidade em relação às indústrias líticas conhecidas na região nordestina, não guardando qualquer semelhança com as tradições já identificadas. Podemos destacar, como nos vestígios cerâmicos, as possibilidades de interpretação sob outro ponto de vista que não só o tecnológico, pois muitos dos enterramentos estão acompanhados com farto material lítico, tanto lascado quanto polido.

Relatório Final do Projeto Arqueológico de Xingó “Salvamento Arqueológico de Xingó”. Xingó, 1998. Universidade Federal de Sergipe/Companhia Hidroelétrica do São Francisco.

Vamos explorar o texto acima. Destacamos alguns trechos importantes:

- 1) Por volta do oitavo milênio B.P. os primeiros habitantes de Xingó chegaram na região.
- 2) Tratava-se provavelmente de grupos caçadores-coletores.
- 3) Chegaram atraídos pela fartura de um dos bens essenciais à sobrevivência de qualquer ser vivo: a água. O rio fornecendo-lhes não só a água mas também a opção de alimento durante praticamente todo o ano.
- 4) O prosseguimento das pesquisas arqueológicas no entorno de Xingó, bem como a sua continuidade na região do Baixo São Francisco, ampliarão as informações acerca da tese de que os primeiros que chegaram na região do Médio São Francisco foram oriundos do planalto goiano, das cabeceiras do alto São Francisco e pela ampla rede de afluentes do SO da Bahia.

5) No Xingó existiu uma cultura bastante distinta das que se conhecem, até o momento, no cenário nordestino.

6) A cerâmica pré-histórica não se parece com nenhuma outra coleção cerâmica já estudada na região.

7) Temos cronologias que nos apontam a antiguidade desses vestígios (da cerâmica) ao segundo milênio a.C.

8) A cerâmica resgatada já se encontra bastante desenvolvida tecnologicamente, não parecendo tratar-se que os grupos aí instalados estavam ainda nos princípios do desenvolvimento tecnológico da cerâmica.

9) Como explicar o surgimento da cerâmica por invenção local?

10) O material lítico não guarda qualquer semelhança com as tradições já identificadas.

11) Existe um farto material lítico em muitos dos enterramentos.

Os itens que destacamos acima continuaram sendo pesquisados logo após a publicação do relatório final. Várias dissertações, teses de doutorados, textos e livros, recentemente publicados, acrescentam outros dados, possibilitam-nos compreender parte dos modos de vida dos nossos primeiros habitantes.

A seguir, apresentaremos um breve resumo das novidades dos estudos mais recentes.

Nossos primeiros habitantes que ocuparam a região hoje denominada de Xingó, nos terraços fluviais, ao longo do cânion do rio São Francisco, tiveram condições de estruturar seus modos de vida baseados, sobretudo, na caça, na coleta, na pesca e, em alguns momentos, na agricultura incipiente. De modo geral, os grupos que habitavam o Baixo São Francisco na pré-história ocuparam pequenos abrigos, não longe de suas margens, contíguos pelo rico ecossistema. A comunicação por água parece ter sido constante desde o início da ocupação humana nessa localidade.

Chegaram em pequenos grupos à procura de caça fácil e local bom para viver. Viviam em bandos, como pequenas sociedades, geralmente constituídas por uma população inferior a cem pessoas, em território comum. Esses bandos constituíam a sociedade mais simples que se conhece, integrada por uma mesma ancestralidade e ampliada por alianças matrimoniais com outros grupos próximos.

Eles enfrentavam o fenômeno das cheias, os animais ferozes, as tempestades, as secas etc. Usavam pequenas embarcações, como pirogas e canoas.

Abaixo apresentamos um texto adaptado que nos ajuda a compreendermos o modo de vida dos nossos habitantes.



Vista do cânion do São Francisco, onde as paredes descem íngremes até o rio. (Fonte: <http://midia.brasilviagem.com/jpg/158368.jpg>).

## MATERIAL CERÂMICO NA CULTURA CANINDÉ

Geralmente as panelas de cozinha são de forma globular, fundo convexo, ligeiramente achatado, com bojos variando nas formas. São usadas para o preparo de carnes, aves, mingaus, pirões, etc. As tigelas são utilizadas para servir os alimentos e também para torrara a farinha e confeccionar os beijus.

Jarros ou panelas maiores (potes) eram utilizados provavelmente para o armazenamento de água ou aguardente, como o de milho. Os vasos utilizados em ritos como o enterramento, compondo o mobiliário funerário ou outros cerimoniais, apresentam, geralmente, menor espessura e dimensão.

Alguns sítios arqueológicos apresentam fragmentos de cerâmica associados a artefatos neobrasileiros, como louça, metal e vidro. Em um deles (Riacho Seco), o local dos vestígios era circundado por pedras alinhadas formando um muro, talvez uma proteção contra possíveis enxurradas ou enchentes, face às características topográficas do terreno.

O estudo dos fragmentos cerâmicos associados ao neobrasileiro evidenciou uma pluralidade de decorações plásticas (escovado, entalhado, penteado, corrugado, digitado, inciso e outros). Tratando-se de fragmentos obtidos em superfície ou níveis recentes, em datação relativa, deduz-se que tais fragmentos resultem da constante migração de grupos étnicos distintos pelo rio São Francisco e que ocuparam, ocasionalmente, os terraços.

Dentre os fragmentos, embora em menor número, evidenciam-se alguns pintados em engobo branco, utilizando-se a cor vermelha em traços lineares. A cerâmica pintada registra, provavelmente, a presença Tupi-guarani. Pela incidência, possíveis deslocamentos migratórios vindos do litoral, onde já foi detectado um sítio tupi-guarani (Machado, em Pacatuba) (CARVALHO, 2003, p. 63).

O nosso resumo acima e a citação dos textos não são suficientes para representar a totalidade das pesquisas que foram feitas logo após o salvamento arqueológico do Xingó. Você deverá ir atrás da bibliografia caso necessite de mais informações. Novas interpretações sobre o modo de vida de nossos primeiros habitantes também não cessam de publicadas. Os próprios arqueólogos do Xingó entendem que novas pesquisas estão a caminho. No final do texto *Atualidade Funerária...*, Cleonice Vergne e outros pesquisadores fizeram a seguinte observação: “As pesquisas ainda não se encerraram, pelo contrário, o processo de produção de conhecimento está em construção para que possamos cada vez mais compreender como estes homens viviam, como se organizavam ...”(VERGNE et al, 2006, p. 24).

Imagine você se o projeto de salvamento arqueológico do Xingó fosse empreendido, da mesma forma como se realizou, em outras partes



Fragmentos de material cerâmico. Acervo do Museu Arqueológico de Xingó.

do território sergipano. Teríamos mais informações dos nossos primeiros habitantes não só no sertão do “Velho Chico”.

Mesmo sendo somente nessa região, acreditamos que você pôde perceber a existência de modos de vida muito antes do século XVI. Essas informações ajudam-nos a reforçar a nossa argumentação sobre a existência de modos de ser dos primeiros povos no território sergipano, antes da chegada dos portugueses.

## CONCLUSÃO

A Arqueologia é uma ciência que se torna indispensável no processo de construção da História. O levantamento de sítios, seu mapeamento, os grafismos rupestres, tudo isso faz parte do acervo de dados que antecede os períodos em que existem dados documentais. Assim, não se pode reconstituir modos de vida dos habitantes primitivos, sem a devida pesquisa arqueológica.



## RESUMO

Caro aluno ou querida aluna: nesta aula nos detivemos no estudo da presença humana na região do Xingó, no município de Canindé do São Francisco. Vimos como, pelo processo de identificação de sítios e grafismos, conseguiu-se realizar um processo de salvamento de materiais e informações valiosos para recuperação da história dos primeiros habitantes do nosso Estado. Apresentamos os convênios firmados entre a Universidade Federal de Sergipe, outras universidades, o Governo do Estado, e empresas, num esforço para que não se perdessem para sempre essas informações, que são valiosas na “prova” que existiram habitantes no território sergipano antes da chegada dos homens do “Velho Mundo”.



## ATIVIDADES

Você deverá fazer uma viagem de estudo ao museu arqueológico do Xingó – MAX e montar um blog com fotos e textos sobre a temática: “Os índios do XINGÓ”. O professor tutor organizará essa viagem de estudo e apresentará detalhes sobre o blog. Boa viagem ao Xingó e seja criativo em seu blog!

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Lei 3.924, de 21 de julho de 1961. **Dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos**. Disponível em <<http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/leis/1950-1969/L3924.htm>>.
- CARVALHO, Fernando Lins de. **A pré-história sergipana**. São Cristóvão: UFS, 2003.
- FUNARI, Pedro Paulo. **Arqueologia**. 2 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- FUNARI, Pedro Paulo; NOELLI, Francisco Silva. **Pré-História do Brasil**. 3 ed., São Paulo: Contexto, 2005.
- LUNA, Suely; NASCIMENTO, Ana. **Os grupos ceramistas do Baixo São Francisco**: primeiros resultados. Cadernos de Arqueologia, documento 12, 1997.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE. Relatório Final do Projeto Arqueológico de Xingó. **Salvamento Arqueológico de Xingó**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe/Companhia Hidroelétrica do São Francisco, 1998.
- VERGNE, Cleonice. **Cemitérios de Justino**: estudos sobre a ritualidade funerária em Xingó, Sergipe. Aracaju: Impressão Gráfica e Editora Ltda./Museu de Arqueologia de Xingó /UFS/Petrobrás, s/d.
- VERGNE, Cleonice e outros. **Atualidade funerária**. Compreendendo o universo simbólico de grupos humano pré-históricos. São Cristóvão: Museu de Arqueologia de Xingó /UFS/Petrobrás, 2006.

## GLÓSSARIO

Material lítico: Um dos primeiros elementos que o homem usou para elaboração de seus instrumentos foi o material lítico, ou seja, rochas e minerais. Esta matéria-prima era confeccionada e utilizada de diversas maneiras dependendo do grupo e sua finalidade.

Cânion ou Canyon: Significa “canhão”. É um termo usado em geologia para designar um vale profundo com paredes abruptas em forma de penhascos, geralmente escavado por um rio.